

Rio de Janeiro operário: memória dos trabalhadores do bairro do Jacaré

Cristiane Muniz Thiago¹

Resumo: A presente dissertação tem como tema a memória dos ex-trabalhadores do complexo industrial do bairro do Jacaré, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Entre os anos 1960 e 1990 esta região foi caracterizada pela forte presença dos trabalhadores. A maior parte da mão-de-obra empregada no complexo industrial residia no bairro, na Favela do Jacarezinho. O objetivo deste trabalho é, através da memória, analisar a história desse grupo de trabalhadores, sua atuação no movimento operário e a importância da esfera comunitária para a formação da identidade de classe. Aspectos do desenvolvimento urbano, do lazer e da religião também serão abordados, além do processo de migração que impulsiona a formação do Jacarezinho.

Palavras-chave: Memória, operários e bairro do Jacaré.

Abstract: The subject of this dissertation is the collective memory of former-workers of the industrial district of “Jacaré”, northern area of Rio de Janeiro city. From the 1960s to the 1990s this area was known for the strong presence of the workers. Most of the workforce employed by the factories lived in the “Jacarezinho” slum. The purpose of this work is, through social memory, to analyze the history of these workers, their performance in the working-class movement and the importance of the communitarian sphere for the building of the class identity. Aspects such as urban development, leisure, religion and formation of the “Jacarezinho” slum will also be taken into account.

Keyword: Memory, workers and district of “Jacaré”.

Introdução

O presente trabalho tem como tema a memória dos ex-trabalhadores do complexo industrial do bairro do Jacaré, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Entre os anos 1960 e 1990 esta região foi caracterizada pela forte presença dos trabalhadores. A maior parte da mão-de-obra empregada no complexo industrial residia no bairro, na Favela do Jacarezinho.²

¹ Mestre em Memória Social – Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS/UNIRIO.

² Nas entrevistas, os moradores do Jacarezinho denominam o espaço de diferentes maneiras. Muitos usam a expressão “favela”, outros “comunidade carente” ou simplesmente “comunidade”. De acordo com a posição política e a geração de cada entrevistado as expressões ganham uma conotação diferente. Falar em “favela” pode representar um instrumento político importante para as gerações mais antigas. A história do Jacarezinho como precursora do movimento associativo das favelas no Rio de Janeiro enriquece o termo. No entanto, para outra parcela dos entrevistados, em geral os mais novos, a expressão é pejorativa e o uso do termo “comunidade” é feito como forma de afirmar uma identidade mais valorizada perante a sociedade. A opção por usar a palavra favela faz parte de uma reflexão acerca do eufemismo da expressão comunidade, mas, sobretudo porque marca a

O objetivo deste trabalho é, através da memória, analisar a história desse grupo de trabalhadores.

Na década de 1960, o bairro do Jacaré abrigou o segundo maior parque industrial do Rio de Janeiro. O complexo industrial do Jacaré ocupava cerca de 15 ruas do bairro e tinha uma enorme diversidade na sua produção.

Para entender a memória desses operários, assim como os processos ocorridos no bairro do Jacaré, torna-se imprescindível considerarmos a Favela Jacarezinho que, de acordo com dados do IBGE de 2000, possui cerca de 36.459 moradores, enquanto o bairro do Jacaré possui por volta de 7.392 moradores. Além disso, a maior parte da mão-de-obra do complexo industrial do Jacaré é moradora do Jacarezinho. Essas pessoas ocuparam aquele espaço a partir de um processo de migração, em grande parte migrantes nordestinos.

Alguns sindicatos tiveram uma atuação marcante área, entre eles podemos citar o Sindicato dos Metalúrgicos do Município do Rio de Janeiro, o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Município do Rio de Janeiro. Outra instituição com grande representatividade na região foi o Sindicato dos Vidreiros.

Na década de 1990, várias indústrias do complexo industrial são fechadas ou têm suas atividades reduzidas e cerca de 40 mil trabalhadores perderam seus empregos nas fábricas do bairro. Portanto, o tema do trabalho versa sobre a memória de ex-trabalhadores de um bairro que já foi representativo da produção industrial do país, mas que a partir da referida década não atende mais a esse perfil.

Na perspectiva deste estudo, pretendemos analisar de que maneira se deu a interação entre movimento operário e movimento comunitário no espaço do bairro. Podemos considerar o Jacarezinho como um conjunto de vilas operárias³ ou uma grande vila operária por ter como peculiaridade reunir um grande número de operários em torno das fábricas. Essa característica vai determinar uma maneira particular de articulação desse grupo em relação à mobilização política, ao trabalho, ao lazer e ao espaço do próprio bairro.

Ao privilegiar como fonte as entrevistas feitas com os trabalhadores, a pesquisa pretende elucidar a relevância de se construir uma história do movimento operário a partir da memória de seus atores principais, ou seja, os próprios operários. Além disso, o trabalho será

história política do Jacarezinho nos anos 60, 70 e 80.

³ No Jacaré as indústrias não chegaram a construir casas para seus funcionários, não tendo poder de coerção, por exemplo, com a cobrança de aluguel. No entanto, algumas das empresas do bairro extrapolavam seu controle sobre o operário para a esfera privada, por isso estamos usando a analogia com um espaço constituído por vila-operária.

uma contribuição da memória para o estudo das mudanças agudas e recentes no mundo do trabalho, vindo a contribuir com a literatura sobre o bairro e o complexo industrial, que é extremamente escassa.

Marcos da memória operária

As memórias dos primeiros anos no Jacarezinho são uma importante baliza para operários e moradores. Mais que a chegada nesse novo espaço, o movimento para garantir sua permanência é lembrado nas entrevistas. Para os moradores do Jacarezinho, a questão da fixação no morro passou por disputas e acirramentos entre moradores e o poder público. Também nesse espaço da cidade se faz notar a presença da Igreja Católica e da Fundação Leão XIII. Um dos marcos na memória dos moradores como uma real possibilidade de fixação na área dá-se a partir da construção da primeira Igreja Católica. A ordem dos Salesianos, já há algum tempo no bairro, funcionando dentro da Fundação Leão XIII, dá início à construção do prédio na primeira metade da década de 1960. A importância política e principalmente simbólica dessa obra no alto do morro é narrada pelos entrevistados.

Eu cresci vivenciando o medo da remoção do pessoal, vão tirar a favela, vão tirar a favela, vão tirar a beira do rio. Se tirar a beira do rio, vão tirar aqui em cima também. Quando a Igreja se fixou, é essa a visão que eu tenho... se a Igreja tá no meio do morro, tá sendo construída e não vai sair, a minha casa também não vai sair. Aí eu presenciei o esforço das pessoas de melhorar a casa. Aí de repente a gente viu um monte de casa assim de tijolo, porque a maioria, a minha casa mesmo era de estuque.⁴ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

A fixação da Igreja, uma das primeiras casas de alvenaria no morro, pressupõe a fixação dos próprios moradores. Isso funciona de maneira prática porque, de fato, a Igreja certamente acreditava na possibilidade de permanecer na região. E de forma simbólica, os moradores incorporam o discurso de permanência na área, desta vez com muito mais fôlego e com um importante álibi, a construção da Igreja.

Paralelamente à construção da Igreja, os moradores criam estratégias de organização e sobrevivência no espaço ocupado. A resistência dos moradores é destacada por alguns líderes comunitários da época, que fazem questão de ressaltar a importância política do Jacarezinho.

O Jacarezinho politicamente, eu considero o Jacarezinho, talvez não agora, mas agora mesmo, politicamente a comunidade favelada mais desenvolvida do Rio de Janeiro ou talvez do Brasil. Aqui nasceram grandes iniciativas comunitárias. Aqui tem a Sueli que é minha filha, foi secretária na associação de moradores isso em 75, 79. ali nós desenvolvemos um trabalho, ali na associação de moradores,

⁴ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

naquela época, porque o Jacarezinho era carente de muita coisa...⁵ (ex-operário e ex-morador do Jacarezinho)

Já com a sinalização de permanência no local, o Jacarezinho tem um grande salto populacional, motivado também pela instalação de novas indústrias. De acordo com as entrevistas a transformação do espaço é rápida e em grande medida promovida pelos próprios moradores. As décadas de 1960 e 70 marcam uma forte mobilização comunitária que juntamente com ações do poder público, vai transformar a paisagem do Jacarezinho.

Outra baliza importante para a memória desse grupo é a instalação das primeiras fábricas na região, algumas, como é o caso da General Electric(GE)⁶, ajudaram no movimento de permanência dos moradores. Já na década de 1920, a General Electric ocupavam a região e empregavam mais da metade dos moradores do Jacarezinho. Essa empresa é um marco fundamental para a construção das memórias dos moradores e operários desse espaço.

Em geral, a GE é citada nas entrevistas, seja por ex-operários da indústria ou apenas por aqueles que a consideram como parte da história da região. O fato de ter sido uma das primeiras grandes indústrias a se instalar na área faz da empresa uma referência para o desenvolvimento da região. A GE desempenhou e desempenha um papel importante junto ao Jacarezinho, muito além de fornecer trabalho para a mão-de-obra da região. “A GE tava pronta pra servir a gente... e por aí em diante a GE tem sido uma empresa, *a mãe* do Jacarezinho até hoje”.⁷ (ex-operário e morador do Jacarezinho, grifos meus).

Apesar das moderações em algumas situações, como atitudes tomadas por dirigentes da empresa durante as greves, o entrevistado nos ressalta o caráter positivo da relação travada entre a empresa e o Jacarezinho. Tamanha sua admiração pela empresa que, como podemos observar em sua fala, confere à GE o título de “mãe” do Jacarezinho. Poderíamos nos perguntar se o Jacarezinho tem um “pai”, diríamos que entre os marcos da história daquele espaço, o mesmo entrevistado nos fornece mais esse personagem.⁸

Fábrica e bairro: espaços interligados

⁵ I Seminário de Construção do Centro de Referência Histórico da Comunidade do Jacarezinho. Jacarezinho – RJ, 02/09/06.

⁶ A General Electric é uma indústria multinacional com atividades em mais de 100 países. Em 1919, a empresa passa a investir na América Latina e instala sua primeira fábrica no Brasil, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Apesar de a localização da fábrica fazer referência a Maria da Graça, seu muro faz divisão com o Jacarezinho. A GE sempre esteve presente no Jacarezinho através da oferta de empregos, projetos sociais e a própria cessão de áreas de lazer (campo de futebol) que é utilizada majoritariamente pelos moradores do Jacarezinho.

⁷ Entrevista concedida à autora em 27/07/05.

⁸ Padre Nelson Carlos Del Mônico, pároco da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora é tido por algumas pessoas como o “pai” do Jacarezinho.

Não só as cidades operárias formam uma nova alternativa para o controle dos trabalhadores. Podemos citar as vilas operárias construídas pelas próprias empresas e até bairros inteiros que se construíram ao redor de uma fábrica ou de um complexo industrial. Seja por iniciativa da própria empresa ou por uma demanda social, os bairros que crescem em torno das indústrias têm suas características próprias e por vezes servem ao interesse de melhor controlar a mão-de-obra.

No caso do Jacaré, a proximidade entre moradia e trabalho trazia conseqüências para a relação entre trabalhadores e a empresa. Segundo podemos observar, essa proximidade com o trabalho era incentivada pelas empresas.

Então a gente sabia também, que o patrão estimulava. Assim que o patrão estimulava até que o trabalhador saísse da baixada ou de outros bairros para vir morar no Jacarezinho porque ele sabia que se aquele trabalhador, se ele precisasse de noite, sábado, domingo ele entrava. Então era comum, quando eu era criança os chefes subirem o morro para ir chamar o empregado com algum problema na fábrica.⁹ (professora e ex-moradora do Jacarezinho)

Essa relação de proximidade do trabalhador com o local de trabalho facilitava atitudes como a citada acima, em que o empregado ficava a disposição do trabalho 24 horas por dia. Outro fator que fazia com que fosse estimulada a fixação do trabalhador próximo ao local de trabalho era a economia feita pelo empregador, diminuindo custos com o deslocamento do operário.

No caso da Fábrica Nacional de Motores (FNM), Ramalho (1989:107) assegura que: “não são poucos os que se referem a esta contradição entre as “vantagens” oferecidas pela FNM para quem se dispusesse a morar nas vilas operárias e o ônus que representava a interferência direta exercida sobre o tempo livre do operário”. No entanto, no caso do Jacarezinho essa contradição aparece com menos vigor nas entrevistas. Mesmo no exemplo citado anteriormente sobre a possibilidade de o chefe ir buscar um operário no meio da noite o pressuposto do ônus não se destaca com tanta relevância. O fato de não termos uma vila operária instituída com um regulamento pré-definido sugere que as possibilidades de extensão do poder da fábrica ao bairro são menores que em casos como o da FNM, onde a empresa era proprietária das casas dos operários. Entre as vantagens de se morar próximo ao trabalho, podemos citar também a dispensa da marmita.

Quer dizer, aquele trabalhador e a trabalhadora ele não fazia o cálculo de passagem e nem o próprio cálculo da alimentação, mesmo ele voltando para casa só tendo arroz, feijão e ovo, para eles tava bom, porque foi e voltou e comeu rapidinho. Não precisava preparar marmita... Que marmita sempre foi uma coisa assim... o pessoal se constrangia de abrir... Então quem leva marmita ou quem

⁹ Entrevista concedida a autora em 12/07/05.

levava marmita gastava mais, porque ele tinha que fazer um esforço danado pra ter a carne. Porque o trabalhador sempre teve vergonha de abrir a marmita só ter arroz, feijão e uma verdura, então mesmo que ele comprasse só um pedacinho de carne pra ele levar era um custo maior. Mas aquele que ia almoçar em casa, ele comia aquilo que tinha, angu com couve, arroz puro, arroz com banana, ovo, lingüiça. Alguma coisa assim, bem mais simples. Mas ele não dava satisfação, ninguém via... E não calculava isso. Quando a gente dizia, se você ganhar mais, se você não sei o que, você vai comer melhor: Eu como, como fresquinho né. A gente também, você tinha esse embate.¹⁰ (professora e ex-moradora do Jacarezinho).

A mesma entrevistada continua falando sobre a dificuldade de se reivindicar aumento salarial ou fazer uma greve.

O que a gente ouvia, os salários nunca foram altos no Jacaré né... Mas quando você comentava que o salário de São Paulo era maior, o trabalhador aceitava porque dizia assim: ah eu trabalho perto de casa... Então você não tinha assim, as greves ali eram mais difíceis, primeiro que todo mundo sabia que se saísse ia ter outro ocupando espaço, segundo: gente como eu vou fazer greve aqui na porta da minha casa?¹¹

O fato de a região do Jacaré abrigar um complexo industrial pode tornar mais difícil a apreensão das práticas disciplinares estendidas ao bairro já que esses códigos eram determinados por orientações diferentes de acordo com cada fábrica ou ramo de produção. Contudo, isto não impede que identifiquemos, mesmo que pontualmente, a opressão exercida pelas fábricas sobre os trabalhadores.

Os operários se fixaram no bairro e passaram a fazer desse espaço uma extensão das fábricas, sendo mais um lugar de sociabilidade entre os trabalhadores. Se a disciplina da fábrica influenciava no modo de vida dos trabalhadores no bairro, a resistência a essa política não se fez de forma menor. No bairro, os próprios moradores imprimiram sua força de trabalho na melhoria do espaço de moradia.

A política do Lazer

Entre “alegrias” e “tristezas”, a memória desses operários narra uma parte da história do Jacaré. Entre a opressão da fábrica, o trabalho exaustivo e a perseguição na militância havia os momentos “bons”. Não só as conquistas do movimento operário e comunitário representam esses momentos da “coisa boa”. Mas entre as lutas do movimento de esquerda dentro do Jacarezinho estava a preocupação com o lazer. “O nosso embate era político o tempo todo, era um grupo de esquerda que lutava por melhores condições de vida

¹⁰ Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

¹¹ Idem.

na favela, por saneamento né, por lazer, por educação, por trabalho, essas eram as bandeiras de luta”.¹²

A partir de suas falas conhecemos um universo que vai muito além do dia-a-dia nas fábricas. Mas quais seriam esses espaços de lazer?

...era o samba, a Escola de Samba, eram três né, depois se fundiram em duas. Era um bloco, o Não tem Mosquito, a Escola de Samba Unidos..., era Escola de Samba do Jacarezinho e a do Azul, depois se fundiu a do Azul com Jacarezinho e se criou a Unidos do Jacarezinho. O Mosquito não quis se aliar e continuou bloco. Tinha o desfile. Então, o que era o lazer, era a escola de samba ou o bloco...¹³ (professora e ex-moradora do Jacarezinho)

Além da Escola de Samba, havia as festas promovidas pela Igreja Católica. Essas festas eram outro ponto de encontro que agregava os moradores do bairro. Para os homens, o futebol era o principal meio de diversão, seja nos campos dentro das fábricas, ou nos demais espalhados pelo bairro. O lazer com a bola significava também encontrar velhos amigos e fazer novos laços de amizade. No caso dos campos de futebol dentro das fábricas, destaca-se o campo da GE. A empresa costumava organizar campeonatos que reuniam os operários de diversos setores.

Considerações Finais

Os apitos das fábricas apontavam para o despertar de um novo dia, para hora do almoço ou para o lanche do fim da tarde. O aroma do chocolate ou do café vindos da Café Moinho de Ouro “perfumava” as casas. O ritmo das fábricas determinava a vida de centenas de pessoas. Operários ou apenas moradores do Jacaré e do Jacarezinho viviam uma experiência comum na história industrial do Brasil, a de morar em circunstâncias que se assemelhavam as de uma grande vila operária. Os benefícios eram evidentes, morar perto do trabalho significava economia no transporte e no tempo de deslocamento, além da possibilidade de dedicar mais tempo a família. No entanto, essa realidade era vivida com contradições pelos moradores. Entre coerção e benefícios, eles tentavam traçar um ambiente que lhes fosse adequado. Grandes empresas como a “mãe” GE destacavam-se nesse cenário ambíguo, tentando manter seus funcionários e o próprio Jacarezinho sobre seu domínio. Desde os pequenos embates que envolviam práticas pouco reconhecidas pelo próprio movimento operário às costumeiras greves, esses trabalhadores expressavam suas insatisfações e reagiam às imposições das fábricas.

¹² Entrevista concedida à autora em 12/07/05.

¹³ Idem.

Apesar de algumas empresas tentarem impor regras também ao tempo livre dos trabalhadores, era possível extravasar esse universo fabril nos jogos de futebol, nas festas da Igreja ou nas rodas de samba. Longe das fábricas, futebol e samba também ritmavam o dia-a-dia dessas pessoas.

No Jacarezinho, a luta comunitária ganhou contornos especiais por conta da peculiaridade de essa favela estar num bairro operário e abrigar um grande contingente de trabalhadores. Os embates políticos passaram a fazer parte do cotidiano daquele espaço. Nesse momento, para além da identidade de classe, homens e mulheres construíram uma identidade que reunia diferentes atores a partir do espaço do Jacarezinho.

Mas os anos de 1990 chegam e trazem mudanças que afetam os diversos atores presentes naquele espaço. Uma favela operária, um movimento comunitário forte, um bairro industrial e um universo de histórias. Das greves dos operários à mobilização comunitária. Na memória dos velhos militantes, saudosismo e esperança de que suas histórias sirvam como exemplo para os jovens moradores.

Bibliografia

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001.

BARBOSA, Marialva. “Operários do Pensamento” (*Visões de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro) 1880 – 1920*. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF, Niterói, 1991. (Dissertação de Mestrado)

BATALHA, Cláudio H. M.; SILVIA, Fernando Teixeira da e FORTES, Alexandre (orgs). *Culturas de classe*. Campinas, São Paulo, Editora UNICAMP, 2004.

FONTES, Paulo. *Comunidade Operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, S.P., 2002. (Tese de doutorado)

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo, Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

LEITE LOPES, José Sérgio. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. Marco Zero e Editora UnB, 1988.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*, nº 10, Rio de Janeiro, CPDOC, 1992.

RAMALHO, José Ricardo e SANTANA, Marco Aurélio (org). *Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro – a trajetória dos metalúrgicos*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

RAMALHO, José Ricardo. *Estado-Patrão e luta operária: o caso da FNM*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

SANTANA, Marco Aurélio. *Homens Partidos. Comunistas e Sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro, Boitempo/UNIRIO, 2001.

THIESEN, Icléia, BARROS, Luitgarde Oliveira C. e SANTANA, Marco Aurélio (orgs.). *Vozes do Porto: Memória e história Oral*. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2005.

VIANNA, LUIZ Fernando. *Geografia Carioca do Samba*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2004.